

Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, que, como Legado «ad latere» de Sua Santidade o Papa, visitou Moçambique e a Zambézia, viu «in loco» a grande e urgente necessidade que há, principalmente na Zambézia, de estabelecer várias missões que, como no início dêste capítulo dissemos, são e serão sempre o «principal elemento» de civilização e nacionalismo dos povos do nosso tão grande Império Colonial.

Leis antigas

O código indígena, que nós ainda conhecemos, hoje completamente em desuso por bárbaro e por ser contrário às leis da civilização, mandava aplicar aos ladrões, aos homicidas e outros criminosos que confessavam seus crimes ou eram apanhados em flagrante delicto, o corte duma orelha ou duma das mãos, etc. Existia também a prova do fogo e da água em ebulição, às quais os imputados como ladrões recorriam quando na sua consciência se julgavam inocentes. E era tal a confiança e crença que tinham nessas provas, e a convicção de que, estando inocentes, ficariam ilesos se pegassem num ferro em brasa ou metessem a mão num calango (1) de água a ferver, que muitos a pediam e reclamavam com ardor e insistência.

Estes hábitos, verdadeira justiça sumária conforme o código indígena, eram de um efeito muito eficaz e como que um freio moral na continuação de tais crimes.

Danças — Instrumentos de música — Cantares

As principais **danças** são: «Machimbuê», primeira dança dos nuaes. «Muító», iniciação da dança das mulheres. «Majáuê», dança só para mulheres. «Matete», dança de ventre só para mulheres. «Muali», «Mutengo», «Zoma», danças para os dois sexos. «Cateco», que

(1) Panela de barro.

antigamente se dançava nas margens do Zambeze, mas sem batuques. Existiam também as danças de guerra, acompanhadas de **tambores** especiais, «sisete» e «bir bir», hoje em completo desuso. O «sisete» era, como o «bir bir», um tambor pequeno que enfiavam ao pescoço, à altura do peito, para poder ser tocado geralmente em marcha, sòmente pelo «Canhongo» (1) ou outro graduado. Forrados de pele



Grupo de indígenas

de gibóia ou penembe (lagarto da terra), tendo ao centro um bocado de borracha, para a ressonância se fazer melhor, tinha um som fino e especial, ouvindo-se muito longe.

O número de tambores, chamemos-lhes assim para não confundir com batuques, onde entram vários de diferentes tamanhos, é em geral de oito, e têm o nome genérico de tódas as danças cafreais.

Para começarem um batuque, a que também chamam «zôma», põem primeiramente no centro do terreiro onde se há-de efectuar a dança, dois paus no chão, atravessado por outro, chamado vêrga, colocado à altura do peito dos tocadores.

(1) Velho cipaio, conhecido pela sua valentia e bom humor. Desempenhava um serviço mui peculiar, espécie de bôbo ou truão.

Estas danças cafreais, são geralmente muito apreciadas por todos os europeus, que a elas assistem pela primeira vez. Consistem nuns movimentos desordenados e muito rápidos, da direita para a esquerda, para a frente e para trás, voltas e reviravoltas, movimentos lascivos, a sós ou a dois, saracoteando o trazeiro (marráu), danças de ventre, no que são exímios, tudo isto acompanhado com palmas, gritos agudos, cantares, «tonguros» constantes, andando todos numa grande roda, homens, mulheres, rapazes e raparigas, (molubana, aiana, apáles e namuales), tudo dançando, com entusiasmo e ardor, como se a êsse batuque, a essa «zôma» quisessem dar uma parte da sua alma, da sua vida.

De vez em quando sai da roda um ou outro dançarino, com a cintura enfeitada com panos franjados, uma pele de qualquer gato bravo ou leopardo, acompanhado da sua dama, que antecipadamente escolhe, e no centro exibem danças variadas. Outros, dão altos saltos, fingindo com uma azagaia em riste, atacar um ente invisível, avançando, recuando, como querendo matá-lo. Os tocadores quando a dança está no seu auge, imprimem tôda a fôrça que podem nos tambores; no ar rodopia uma nuvem de poeira, que, com o calor, sufoca, a matizada é ensurdecedora, o cheiro acre da calinga repugnante, os corpos, arquejantes pelo cansaço, luzem à luz do sol abrasador, e isto dura até os tambores se calarem e haver um intervalo de descanso. Depois recomeça, com mais animação e entusiasmo, principalmente quando os festeiros têm *pombe* (cerveja cafreal), para lhes refrescar as sêcas e cálidas goelas.

É de notar as côres berrantes e variadas que todos, sem diferença de sexo, imprimem às suas *toilletes*, especiais para estas festas, o ritmo, a cadência constante e a ordem, com que estas «zômas» sempre se efectuam, acompanhando os seus cantares, com sons altos ou baixos, iguais aos dos tambores. Há «zômas» que duram dois e três dias, principalmente as da Matanga e Mutengo. Nunca ouvimos dizer, até hoje, ter acabado qualquer destas festas com pancadaria ou desordem, o que não seria de admirar, visto a aglomeração de tanta gente, o que bem prova serem os aborígenes da Zambézia dados à boa paz, à ordem e sossêgo. Quando se embriagam, o que é muito freqüente, cozem essa bebedeira, como vulgarmente se diz, dormindo.

Os nomes dos tambores, são: *Metengo*, grande baixo, alguns com o diâmetro de 0,80 centímetros, sendo preciso duas pessoas para o transportarem. *Dombe*, grande tambor, barítono, mas mais pequeno do que o anterior. *Micude*, tambor médio. *Mucóça*, médio. *Rilino*, mais pequeno. *Murrabela*, pequeno. *Gôjo*, o mais pequeno de todos.

Costumam ser oito, como já dissemos, e colocados na vêrga por



Orquestra cafreal

escala descendente. Os tocadores estão em frente sentados, sendo os maiores tocados por duas pessoas, e os pequenos por uma.

A afinação de tão primitivo instrumental tem que se lhe diga, não sendo tôda e qualquer pessoa que o pode fazer, e muito menos quem os toque. Para isso vão passando as peles dos tambores pela chama duma pequena fogueira, experimentando com as mãos se aquelas estão bem esticadas; se não estão, passam-nas novamente pelo fogo, e todos são afinados ao mesmo tempo. Os tambores têm no centro das peles, que são de bovídeos ou de grandes antílopes, uma pequena porção de borracha virgem, que serve para conservar as peles bem esticadas. Nem todos os cafres sabem tocar os tambores. Alguns há que é por assim dizer a sua vida, sendo verdadeiros *azes*, pelo que são chamados para todo o batuque de certa ordem.

Esta vida sorri-lhes sempre. Exactamente como nos nossos arraiais, os músicos são bem tratados, recebendo no fim o costumado e almejado *mata bicho* (gratificação).

Não deixa de ser interessante, ver-se a ligeireza e rapidez com que êles fazem saltar as **baquetas sôbre as peles dos tambores**, a ponto de se romperem, sendo nessa altura logo substituídos por outros que estão sempre de reserva, para a festa não ficar em meio.

Os tambores são feitos de troncos de árvores sêcas e trabalhados pelo mesmo processo dos pilões, destinados à limpeza dos cereais. Mas aquêles têm as paredes mais finas e melhor acabadas, mesmo com esmero, variando o diâmetro da boca, conforme o som que devem reproduzir, tendo todos um pé de dois a três palmos de comprimento, que os isola do solo, sem o que a ressonância não seria tão completa.

O maior que produz o baixo, é colocado no centro e os outros gradualmente até ao mais pequeno, que dá o som de tiple ou de soprano.

Além de ser lucrativa a vida do tocador de tambores, é também honrosa, pelas atenções que recebem, satisfazendo assim o supremo ideal do cafre: comer, beber, dançar, dormir e não fazer coisa alguma.

As suas músicas e cantares, como que são repassadas duma certa tristeza e suavidade, não lhes faltando harmonia, e quem as ouve pela primeira vez fica em geral bem impressionado.

A reunião de muitos tambores, chama-se como já dissemos *zôma*, e dançar *ôchêta*, variando o modo como são afinados, segundo o fim a que a «zôma» é destinada. Assim, para comemorar a morte de uma pessoa de família, *matanga*, os instrumentos não são afinados ao calor do fogo, para ficarem mais destemperados, como as caixas de rufo, e, neste caso, não entram os mais pequenos. Mas se o batuque é apenas de mulheres, *zôma da aiâna*, os grandes instrumentos não entram, mas sim os pequenos, por serem as próprias mulheres que os tocam.

A «zôma» mais em voga, mais usual, é o *metengo*, executado com todos os tambores, onde entra tôda a classe de pessoas, de várias idades. Antigamente êstes batuques, faziam-se em qualquer dia da semana. Actualmente, as autoridades administrativas, só concedem licenças aos sábados, para serem efectuados aos domingos, e devem acabar no mesmo dia. Estes divertimentos são anunciados com antecedência, exactamente como os nossos espectáculos, para poderem

ser conhecidos de todos e muito concorridos, e tanto mais o são quanto maior quantidade de bebidas cafreais houver.

São pouquíssimos os **instrumentos de música** que os cafres possuem. Os principais são a cassássa, o sirimbo e pífaro, espécie de flauta.

A cassássa é um pequeno paralelograma de madeira muito fina, formando uma caixa, tendo na parte superior umas 12 lingüetas de



Tocador de «cassássa»

ferro do tamanho de agulhas de coser, mas largas, colocadas de maneira que a maior fique no centro, e diminuindo para as extremidades. Para ter maior ressonância, é metida dentro da casca duma abóbora: sêca, cortada ao meio, com o feitiço portanto de um ouriço marinho mas em ponto maior. Há grandes e pequenos, conforme o número de lingüetas de ferro que têm. É tocado com os dedos polegares, passando a mão por debaixo da caixa de ar, vão andando e tocando, acompanhado do trautear de qualquer canção mais em voga. Nessa casca de abóbora, apesar de muito fina, gravam com a ponta do canivete, bem afiado, diversas figuras tôscas, lagartos, cobras, etc. cobrindo-as com farinha para se distinguirem melhor.

O sirimbo, é uma espécie de rabeca, formada pela noz grande de

um côco cortado ao meio, tapado com pele de gibóia, bem esticada. No côco metem uma pequena vara de 30 a 40 centímetros de comprimento, tendo na extremidade uma espécie de cavalete de 5 centímetros de altura, colocado em ângulo recto. É sôbre êste cavalete colocada a corda desta tão rudimentar rabeca, passando sôbre a pele da serpente, indo prender a uma pequena saliência, ou botão, que fica do lado de fora.

Uma varinha de palmeira, em forma de arco, serve para fazer as vibrações na corda e os dedos, conforme o seu afastamento ou aproximação do cavalete, produzem os sons que o artista deseja tirar da rabeca.

Os sons que saem não deixam de ser agradáveis, chegando alguns artistas a tocar melodias de sua pura invenção.

Para o cafre qualquer assunto lhe serve para criar ou inovar uma cantiga; por exemplo, a chegada de qualquer europeu importante, uma guerra, uma epidemia, isto evidentemente além das usadas nas suas diversas cerimónias, iniciação, matanga, etc. Umás são satíricas, outras completamente obscenas. Os cafres têm geralmente bom ouvido e boa voz, fixando qualquer música, tocada por uma filarmónica ou gramofone que mais lhe fira o ouvido ou o impressione.

O seu reportório é pouco variado, e daí as suas amiúddadas repetições.

Nunca poderemos esquecer o **côro de milhares de cipaios** quando da entrada da coluna, comandada pelo valente e heróico official da armada, então Governador do distrito da Zambézia, Conselheiro João de Azevedo Coutinho, na antiga aringa, levantada por João Bonifácio, na Maganja da Costa, antes de 1860, data em que conquistou Angoche aos mouros.

Nenhum côro o pôde jamais igualar, e só o poderia fazer um bem ensaiado orfeão, com a cadência, o ritmo, a fôrça com que aquelas centenas de vozes, lançavam ao vento êstes dizeres *«codo á Coutinho ó fia, aringa nóvolôa»* — guerra de Coutinho chegou, e entrou na aringa —, repetindo com fôrça e vigor as últimas duas palavras.

Aquela melodia especial, tão agradável e sentida, cântico triunfal de guerra, ressoa ainda aos nossos ouvidos, apesar de algumas dezenas de anos terem passado, e nunca mais esquecerão.

III

Psicologia dos Cafres